



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAPARAÍBA  
CAMPUS JOÃO PESSOA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª  
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**JONATAS TAVARES PESSOA**

**POR UMA DIDÁTICA DO ENSINO DE LP PARA SURDOS: O USO DE JOGOS  
COMO FERRAMENTA DE  
ENSINO**

**JOÃO PESSOA**

**2021**

JONATAS TAVARES PESSOA

**POR UMA DIDÁTICA DO ENSINO DE LP PARA SURDOS: O USO DE JOGOS  
COMO FERRAMENTA DE  
ENSINO**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, *Campus* João Pessoa, Polo Mari, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos, sob a orientação da Professora Me. Nídia Nunes Máximo.

**JOÃO PESSOA**

**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

P475p	<p>Pessoa, Jonatas Tavares.</p> <p>Por uma didática do ensino de LP para surdos : o uso de jogos como ferramenta de ensino / Jonatas Tavares Pessoa. – 2021.</p> <p>20 f.</p> <p>TCC (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba - IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.</p> <p>Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Nídia Nunes Máximo.</p> <p>1. Ensino de língua portuguesa - surdos. 2. Jogo pedagógico – ferramenta. 3. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). 4. Didática do ensino. 5. Aprendizagem. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 81'36:376(043)</p>
-------	--

**JONATAS TAVARES PESSOA**

**POR UMA DIDÁTICA DO ENSINO DE LP PARA SURDOS:**

**o uso de jogos como ferramentas de ensino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 09 de abril de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Nidia Nunes Máximo  
Coord. de Letras LIBRAS  
Departamento de Letras  
SIAPE: 2543407

---

Profa. Ma. Nidia Nunes Máximo  
Orientadora – UFPE

*Camila Michelyne M. da Silva*

---

Profa. Ma. Camila Michelyne Muniz da Silva  
Avaliadora – UFPE

*José Moacir Soares da Costa Filho*

---

Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho  
Avaliador – IFPB  
Avaliador(a) – IFPB/IFPE/IFRN/UEPB/UFPB...

# **POR UMA DIDÁTICA DO ENSINO DE LP PARA SURDOS: O USO DE JOGOS COMO FERRAMENTA DE ENSINO**

Jonatas Tavares Pessoa<sup>1</sup>

Nídia Nunes Máximo<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Compreender o uso de jogos como ferramenta de ensino de Língua Portuguesa para surdos foi o objetivo geral do presente artigo. A fase exploratória ocorreu através de pesquisas bibliográficas. Fez-se uso da pesquisa qualitativa enquanto parâmetro metodológico. A didática, com todo seu aporte prático e instrumental deve ser percebida enquanto um processo que permite estabelecer a relação professor-aluno de modo mais saudável, equilibrado e educacionalmente proveitoso para ambas as partes. Analisando as possibilidades do jogo no ensino da Língua Portuguesa, faz-se possível perceber vários momentos em que eles são de extrema importância para as crianças. O jogo pedagógico precisa ser mais eficiente, pois ele tanto tem a dimensão de estimular a inteligência. O jogo é uma atividade que prepara e desenvolve certa utilidade com a dimensão pedagógica, pois contempla a área física e mental do alunado no curto, médio e longo prazo. Conclui-se que estabelecer a relação entre ludicidade, Língua Portuguesa e estudantes surdos é de grande importância para o desenvolvimento do alunado surdo, fazendo avançar na área de curricular citada.

**Palavras-chave:** Jogo. Língua Portuguesa. Surdo.

## **ABSTRACT**

Understanding the use of games as a Portuguese language teaching tool for deaf people was the general objective of this article. The exploratory phase took place through bibliographic research. Qualitative research was used as a methodological parameter. Didactics, with all its practical and instrumental contribution, must be perceived as a process that allows establishing the teacher-student relationship in a healthier, more balanced and educationally beneficial way for both parties. Analyzing the possibilities of the game in teaching the Portuguese language, it is possible to see several moments in which they are extremely important for children. The pedagogical game needs to be more efficient, as it has the dimension of stimulating intelligence. The game is an activity that prepares and develops a certain usefulness with a pedagogical dimension, as it contemplates the physical and mental area of the student in the short, medium and long term. It is concluded that establishing the relationship between playfulness, Portuguese language and deaf students is of great importance for the development of deaf students, advancing in the aforementioned curriculum area.

**Keywords:** Game. Portuguese language. Deaf.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras – habilitação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pela Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Professora Assistente de Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Linguística (UFPE), Graduada em Letras Português/Inglês (UFPE).

## 1 INTRODUÇÃO

A questão didática é um tema recorrente para todas as áreas que compõe o campo educacional, pois demanda uma série de experiências, habilidades e padrões que precisam ser superados ou seguidos. Entende-se que uma didática eficiente impacta diretamente no processo de ensino e aprendizagem, permitindo que se produza resultados a médio e longo prazo.

O ensino de Língua Portuguesa é crucial no desenvolvimento escolar do alunado da Educação Básica. Quanto imaginado sua inserção na realidade escolar do alunado surdo, nota-se que diversas ferramentas e arcabouços didáticos podem ser utilizados nos momentos de aprendizagem ofertados pelos professores desta disciplina.

Os surdos apresentam todas suas dimensões culturais, sociais e educacionais, além de suas dificuldades que se colocam no processo educacional, replicando numa conformação processual de âmbito escolar, onde demanda do professorado certa habilidade docente, interpessoal e profissional.

A temática em questão teve sua justificativa originada por conta da minha inquietação frente a capacidade de aprendizagem que a ludicidade pode ofertar na área de Língua Portuguesa, isto, vale lembrar, frente a um histórico escolar marcado por dificuldades e precariedades no sistema nesta área curricular.

Além do mais, o tema terá grande relevância por que ajudará os professores para melhorarem sua prática de ensino ao introduzir elementos da ludicidade na cotidianidade. Com este, ter-se-á um suporte teórico e pedagógico com capacidade de imprimir novas desenvolturas e novos ritmos de aprendizagem.

A indagação que resume e, ao mesmo tempo, centraliza a problemática deste artigo consiste na seguinte questão: o uso de jogos como ferramenta de ensino pode contribuir didaticamente para o desenvolvimento do processo de aprendizagem na área de Língua Portuguesa?

Compreender o uso de jogos como ferramenta de ensino de Língua Portuguesa para surdos foi o objetivo geral do presente artigo. Este foi complementado pelos seguintes objetivos específicos: conhecer o ensino de língua portuguesa para surdos; avaliar o ensino de LP e o uso de jogos como recurso educacional; analisar os jogos e o processo de aprendizagem da língua portuguesa para surdos.

## 2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

O campo da Linguística contempla e, ao mesmo tempo, serve de espaço para perpassar as diversas línguas que se desenvolvem e expande-se em determinada comunidade social, isto por que ela tem como objetivo “estudar, analisar e descrever a línguas, e desenvolver métodos para o ensino de línguas” (LODI, 2013, p. 13).

Dentro desse invólucro, pode-se alegar que ao se trabalhar a Língua Portuguesa (LP) como L2, esta vai demandar uma série de procedimentos técnicos para que se desenvolva dentro da perspectiva escolar, demandando, por outro lado, a elaboração e aplicação de recursos didáticos que sejam favoráveis para o desenvolvimento destes processos (LODI, 2013).

No ambiente escolar destinado ao estudante surdo no Brasil, entende-se que a L2 deve ser o meio de auxílio da L1, que é a Língua Brasileira de Sinais, possibilitando uma conexão didática e metodológica a fim de que respalde na ampliação da capacidade comunicativa do alunado surdo, isto ao longo da sua trajetória na Educação Básica.

Do ponto de vista pedagógico, pode-se dizer que a LP como L2 é um modo de equiparar a comunidade surda que ao longo do tempo “viveu marginalizada e excluída por conta de modelos educacionais que não valorizam sua língua natural e que não tratavam o ensino de LP escrita como L2” (MÁXIMO, 2020, p.2), o que vai permitir que se perceba a demanda para absorver e dominar as propostas teórico-metodológicas da Linguística Aplicada (LA), de modo que essa intervenção se torne realmente eficiente e contributiva para os estudantes surdos nas mais diversas modalidades de ensino.

Compreende-se, assim, a relevância da LA mediante o fato dela proporcionar paradigmas teóricos e pedagógicos que constituem incisivamente o processo de ensino-aprendizagem de LP enquanto L2 direcionada para os estudantes surdos, o que vai ajudar de forma contundente por conta de se produzir um arcabouço pedagógico, metodológico e, especialmente, didático. As demandas culturais, comunicativas e escolares do público discutido no presente artigo podem ser atendidas, então, visando a sua formação enquanto cidadão e pessoa preparada para se inserir no mercado de trabalho, acompanhando os princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (LODI, 2013).

Além do mais:

O ensino-aprendizado de LP escrita para esses alunos deve ter como objetivo maior melhorar a sociedade para que possam viver na sociedade letrada, refletir criticamente sobre as relações construídas por essa sociedade e modificá-la, sobretudo por conta do caráter utilitário da linguagem como prática social (MÁXIMO, 2020, p.1).

O processo educacional que acontece por meio da LP escrita tem papel fundamental para que o alunado amplie cada vez mais seu relacionamento social por meio da comunicação, pois permite que ele seja introduzido na sociedade letrada, bem como terá condições de se formar com maior potencial num cidadão crítico e consciente dos seus direitos e deveres.

No tocante a língua como prática social, esta noção está embasada por um processo de relações interativas que se efetua na vida social, haja vista que as diversas práticas discursivas imprimem mudanças sociais mediante o ato de utilização dos recursos linguísticos aplicados pelos atores e/ou grupos sociais no próprio estabelecimento da relação dialógica, isto através de reflexões sobre certos temas ou práticas (SILVA et al., 2018).

Neste sentido, o desenvolvimento didático que se logra sobre o ensino de língua tem como propósito auferir ao alunado surdo condições de expandir sua carga cognitiva, mais precisamente na área linguística, a qual irá favorecer para que eles possam atuar na realidade social com maior consciência do que está realizando.

Para que o professor tenha reais condições de didaticamente trabalhar com a LP como L2 para os estudantes surdos, este precisa também passar por um processo formativo que tanto lhe dê as bases técnicas para realizar tal atividade educacional, quanto às condições político-culturais, para que desta forma ele consiga se tornar um professor eficiente, consciente e produtor de autonomia nas suas relações profissionais, educacionais e sociais dentro do ambiente de ensino, com este público discutido no artigo (SILVA et al., 2018).

O docente precisa levar em consideração os elementos que balizam o processo educacional direcionado ao público surdo, onde atores e a realidade na qual está sendo produzida devem estar alinhados do ponto de vista didático, fazendo com que os “conhecimentos escolares estão sistematizados e organizados, com a finalidade de promover a socialização e a aculturação dos estudantes através dos usos da LP na modalidade escrita” (MÁXIMO, 2020, p. 3).

Sendo mais específico com a questão da didática, esta quando realizada com eficiência, adequação e responsabilidade, permite elaborar e aplicar as atividades de tal modo que efetua uma abordagem sobre os surdos que os tornam sujeitos do seu presente e futuro social. Essa questão justifica-se pelo fato da didática voltada para o alunado surdo ter como meta o apreço “as características individuais e o modo de aprender de cada aluno, pois

compreende que cada aluno surdo tem seu método de adquirir o conhecimento” (FERNANDES; REIS, 2017, p. 17).

O material didático elaborado pode ser organizado numa perspectiva de ser instrumentos que prezam por organizar momentos de aprendizagens que empreendam análises e práticas que inovem no contexto da sala de aula. Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se apresentar a seguinte colocação:

[...] o material didático é um artefato de mediação, em que o “processo de elaborar material didático como uma atividade de criação de sentidos e significados tem como principal artefato cultural a linguagem” (opcit, p. 20). O material didático é a ponte que une o estudante (o sujeito) ao meio (mundo, escola, história, sociedade), a fim de alargar as experiências do aluno por meio das atividades da linguagem (MÁXIMO, 2020, p. 4).

A didática, com todo seu aporte prático e instrumental deve ser percebida enquanto um processo que permite estabelecer a relação professor-aluno de modo mais saudável, equilibrado e educacionalmente proveitoso para ambas as partes.

De modo distinto dos estudantes ouvintes, os alunos surdos são inseridos na escola com, no máximo, frações da Língua Portuguesa, ficando sob a responsabilidade do docente conduzir os discentes no aprendizado dessa língua. Neste sentido, a língua de sinais era coibida e os educandos tinham que buscar a leitura orofacial e aos restos auditivos que se absorvia de forma muito precária, o que mais levava a exclusão deste público do que propriamente a inclusão.

Mesmo que alguns alunos surdos conseguissem aprender e dominar a leitura e a escrita da Língua Portuguesa, a maior parte deste público consegue absorver apenas frações dela. Sendo assim, as dificuldades para acessara língua falada “e a pouca familiaridade com a Língua Portuguesa resultaram em alunos que não entendiam o que liam e que apresentavam dificuldades acentuadas na escrita” (FERNANDES; REIS, 2017, p. 19), levando a transcurros distintos: vai requerer de professor e aluno surdo empenho e habilidade; ou, por outro lado, vai aprofundar o déficit de aprendizagem e domínio da língua escrita.

As dificuldades interpostas na realidade escolar do aluno surdo eram tão análogas entre este público que passaram a ser auferidas suas causas à própria surdez. Como resultado, eles foram sendo caracterizados como incapacitados de entender e elaborar textos na Língua Portuguesa. Nesta ultima década do século XXI, observou-se transformações expressivas no cenário da educação de surdos, bem como no processo de ensinamento da Língua Portuguesa. Por sua vez:

A aprovação do Decreto Federal no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que estabeleceu, entre outros assuntos, a obrigatoriedade das escolas possibilitarem aos alunos surdos uma educação bilíngue, na qual a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua e a Língua Portuguesa é a segunda, trouxe a língua de sinais para a educação depois de quase cem anos de proibição (MUTTÃO; LODI, 2018, p. 10).

O decreto apresentado imprimiu novos contornos para a educação, fazendo com que ela desse início a reformulação das suas práticas, metodologias e avaliações, prezando pelo modelo bilíngue de ensinar, o que potencializou a capacidade de aprender dos surdos.

Dentro desse contexto interposto pelo decreto, pode-se alegar que o uso da língua de sinais interconectada com a língua portuguesa possibilita uma contribuição significativa para se promover a aprendizagem dos estudantes surdos, já que, por ser visual-espacial, não traz dificuldades para ser aprendida e apreendida por esse público (LODI, 2013).

Porém, apesar dos resultados positivos do uso da Língua Brasileira de Sinais tendo a finalidade de imprimir melhores condições para se realizar a ampliação do conhecimento de mundo e de língua, estes precisam se conectar didaticamente com êxitos expressivos na compreensão e uso da Língua Portuguesa, o que vai demandar por parte do professorado certo aperfeiçoamento da sua metodologia e prática de ensino na área da L2.

A prática pedagógica e a metodologia de ensino precisam ter como suporte essencial a língua de sinais e seu alinhamento com os conteúdos da língua portuguesa. Mediante esta interseção, haverá melhores condições para se ter um ambiente de aprendizagem mais completo, a fim de que o alunado surdo tenha iguais condições de participarem das oportunidades coordenadas pelos professores, pois a Libras não somente ajuda o surdo a interagir com maior eficiência com o professor, como institui a capacidade deste aluno de se relacionar com estudantes ouvintes e deles obter reconhecimento e respeito (MUTTÃO; LODI, 2018).

Por outro lado, quando o processo metodológico de ensino está alinhado com os processos da oralidade, da comunicação e dos recursos didáticos, ter-se-á uma prática docente mais adequada para dar conta do desenvolvimento da aprendizagem do alunado surdo que frequenta as salas de ensino regular, auxiliando para que os mesmos consigam dominar cada vez mais a L2, tendo ela como um meio comunicativo que permite ampliar sua inserção na escola e na sociedade.

A Libras auxilia no estabelecimento de vínculos comunicativos que permitem ao estudante em questão interagir, participar e se inserir nas atividades e avaliações de

aprendizagem com maior segurança, melhor desenvoltura, possibilitando uma maior aproximação com a língua Portuguesa, favorecendo a elevação do seu desempenho escolar.

Deste modo, se a relação entre professor e aluno surdo for positiva, “a probabilidade de um maior aprendizado aumenta e a força da relação professor-aluno torna-se significativa, produzindo resultados variados nos indivíduos” (BARBOSA, 2018, p. 29), dentro os quais o de conseguir se inserir com maior eficiência na sociedade, começando por uma maior participação nas atividades escolares.

Por sua vez, tem-se a necessidade de que o docente seja capacitado para produzir reflexões sobre sua prática e encaminhá-la metodologicamente conforme a realidade em que está exercendo sua prática profissional, alinhado-a aos interesses e às necessidades dos alunos, sobretudo quando se tem pessoas surdas estudando nesta sala, pois vai requisitar que procure novos trajetos metodológicos para tornar o aprendizado um momento instigante para cada estudante.

Quando a prática e a metodologia de ensino trazem reais condições para se promover momentos de aprendizagens que impacte positivamente na relação professor-aluno, tem-se um processo educacional de grande relevância, uma vez que engendra relações interpessoais dentro da sala de aula, sobretudo com o público estudantil surdo, imprimindo outros significados à avaliação e aos conteúdos curriculares, contribuindo incisivamente para a aprendizagem da língua portuguesa enquanto L2.

Estes aspectos foram destacados por que eles embasam o tema em questão, haja vista que a língua portuguesa sempre foi um componente curricular da educação básica que produziu muitos desafios e, ao mesmo tempo, tem relevância crucial na aprendizagem e no futuro do alunado. Por sua vez:

Ensinar uma língua escrita para quem desconhece a oralidade é um desafio para todos os professores com alunos surdos em suas turmas. As principais dificuldades não decorrem da surdez em si, mas da falta de conhecimento da Língua Portuguesa falada. Hoje, boa parte desses estudantes comunica-se com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), uma língua visual-espacial, que possui estrutura própria (BARBOSA, 2018, p. 30).

No tocante ao alunado surdo, que conhece a oralidade de forma muito precária, a língua portuguesa apresenta-se enquanto um desafio árduo, que vai exigir empenho do aluno e habilidade didática e metodológica do professor, sobretudo quando eles estabelecem relações de ensino e aprendizagem dentro das salas de aula do ensino regular.

Entretanto, como a própria citação expõe, as dificuldades mais contundentes não são provenientes da surdez, haja vista que a absorção da língua portuguesa é o grande percalço na

aprendizagem, o que pode ser resolvido quando se tem elaborado e aplicado um conjunto didático que realmente esteja adequado as condições cognitivas do alunado surdo (SILVA et al., 2018).

É válido destacar que, embora que não se obtenha os mesmos êxitos escolares obtidos pelos estudantes ouvintes, o público estudantil surdo precisa estar participando de todas as aulas, isto porque se o aluno surdo ainda não tiver com a real capacidade de produzir um texto, o professor deverá estimular e contribuir para que eles realizem exercícios, como, por exemplo, escrevendo listas ou frases sobre temas significativos para suas vidas.

Realizar produções coletivas ou em grupos de alunos surdos, mesclados, também, com ouvintes, tem grande importância porque ajuda o estudante a se expressar com maior eficiência através da escrita. É válido que ele sempre tenha o auxílio visual da escrita, o que permite avançar no seu rendimento escolar.

Por sua vez, o professor deve efetuar registro de todas as atividades e fazer uso de recursos distinto, como, por exemplo, “letras móveis ou cores diferentes para designar elementos distintos de uma frase” (BARBOSA, 2018, p. 31).

Buscar introduzir o processo de "oralização" da criança surda, embora nas que tem vestígios de audição, demonstra que o ideal é que o conjunto de alunos consiga dominar Libras para conseguir compreender e ter maior domínio de uma segunda língua, que é a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. Neste sentido, tentar oralizar pode também ser prejudicial ao desenvolvimento, uma vez que inviabiliza a criança de conseguir aprender tanto a Língua Portuguesa verbalizada, quanto a Libras. Deve-se ter a maior cautela na condução deste processo de ensino.

Deste modo:

Nesta concepção, o professor reconhece que ao usar a LP para ler e escrever textos, o aluno pratica atos diversos na sociedade através da língua. Ou seja, é por meio da LP que os alunos podem ler histórias, escrever um texto de opinião, ler bilhetes, escrever recados. A LP na modalidade escrita é vista, então, como a ferramenta que os indivíduos surdos usam para agir na sociedade letrada e interagir uns com os outros (NOGUEIRA, 2018, p. 13).

Na interação do aluno surdo com a leitura e a escrita, ele se desenvolve cognitivamente e socialmente, uma vez que possibilita a ampliação da sua capacidade de inserção na sociedade letrada, convivendo com maior facilidade comunicativa com os alunos e pessoas ouvintes.

Por outro lado, o docente de Língua Portuguesa como L2 que assume esta concepção de língua, constrói as suas aulas para que os discentes tenham condições de usar a LP nos distintos contextos sociais e culturais, sejam eles formais e informais, aonde notam as

inúmeras formas que esta língua tem de articular as relações sociais vivenciada pelo público estudantil surdo ao longo da educação básica, por exemplo.

## 2.2 O ENSINO DE LP E O USO DE JOGOS COMO RECURSO EDUCACIONAL

Quando se leva em consideração que a introdução do lúdico no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, pautada especialmente nos jogos, se apresenta enquanto um elemento didático relevante para “o enriquecimento da prática pedagógica e para sensibilizar educadores e professores sobre a importância do uso de jogos e brincadeiras no ensino da Língua Portuguesa” (NOGUEIRA, 2018, p. 15). Portanto, trabalhar com as dimensões das atividades lúdicas no campo da aprendizagem sempre irá merecer uma atenção mais contundente e detalhada sobre o ambiente escolar quando se tem a presença de alunos surdos, pois vai ajudá-los, direta e indiretamente, no seu desempenho escolar.

Com um aporte didático, metodológico e pedagógico estruturado pela ludicidade, naturalmente confronta-se com o cotidiano de sala de aula marcado por práticas pedagógicas tradicionais, estáticas, com o trabalho realizado excessivamente centralizado na figura do professor, onde o aluno é passivo, submisso, ouvindo e obedecendo, sendo, portanto, heterônimo.

Segundo Pereira (2014), vive-se um momento em que o mundo gera uma preocupação ética em várias dimensões, talvez nunca antes registrada, visto que cresce um lado do narcisismo individualista e hedonista em prejuízo da solidariedade. Nesse contexto, o professor é a peça chave para ressignificar esse processo e, portanto, deve ser encarado como elemento essencial e fundamental de mudança, pois educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho compatível com seus valores pessoais.

Dessa maneira, o cenário em sala de aula torna-se mais intenso, dinâmico, motivador, criativo e imaginativo, no momento em que o educador passa a ser um agente de transformação na aplicação de brincadeira e jogos educacionais alinhados com determinado conteúdo, facilitando assim o aprendizado dos alunos.

Nesse sentido:

A Língua Portuguesa pode e deve ser trabalhada com um instrumento lúdico motivante, como por exemplo, jogos e brincadeiras, que oferecerão aos alunos várias oportunidades de atuar criativamente sobre o conteúdo da matéria dada em sala de aula (PEREIRA, 2014, p. 12).

Ao se trabalhar a Língua Portuguesa com o suporte didático da ludicidade, os êxitos concernentes ao processo de aprendizagem podem fluir melhor por conta de possibilitar a diversão e a criatividade alinhadas com os conteúdos escolares desta disciplina para cada série que compõe a Educação Básica.

É primordial ressaltar que a palavra “apropriação” designa, neste estudo, a concepção e a forma em que se faz uso do jogo com regras para aprendizagem no campo da Língua Portuguesa, uma vez que abrange as atividades despreziosas, descontraídas e desobrigadas de toda e qualquer espécie de intencionalidade ou vontade alheia. Trata-se de se oferecer várias ferramentas para que os alunos possam escolher diferentes caminhos, aquele que for compatível com seus valores, assim encontrando o método que garanta o aprendizado (DORZIAT; FIGUEIREDO, 2002).

Essa apropriação inclui o conhecimento necessário para que o professor faça intervenções durante as atividades com jogos e que implica também que o jogo seja um aliado da aprendizagem nesta área escolar, quando desenvolvido de forma crítica, considerando os conhecimentos prévios do aluno construídos antes do processo de escolarização.

Ao se analisar o lúdico no ensino da Língua Portuguesa, buscam-se as razões de sua utilização como metodologia da aprendizagem, como proposta refletida em função de objetivos educacionais. Assim, agrega-se a este trabalho pesquisas e estudos que envolvem o desenvolvimento do aluno em variados aspectos, sejam eles: físico, social, cognitivo, emocional, lúdico, bem como com suas contribuições na área educacional (DORZIAT; FIGUEIREDO, 2002).

Diante do que foi exposto, pode-se ainda afirmar que mediante os jogos o ambiente “escolar pode-se transformar em um espaço prazeroso e agradável, de forma que as brincadeiras permitam ao professor se aproximar dos alunos e despertar nestes o interesse pelo conhecimento” (PAIXÃO; DAMASCENO, 2016, p. 32).

Não é só por estar inserida na sociedade interagindo com adultos que a criança se modifica constantemente, mas também por ingressar em experiências sociais, culturais e educacionais, interagindo com outras crianças, abrangendo seu processo de desenvolvimento, objetivando a sua autonomia, com valores, crenças e hábitos, mediante a apropriação dos conhecimentos culturais compartilhados uns com os outros.

O jogo, quando trabalhado de modo eficiente e alinhado com a Língua Portuguesa enquanto L2 para os surdos, pode possibilitar a aprendizagem, considerando a forma construtiva e prazerosa, vibrante, como emoção na relação das crianças, principalmente na

aprendizagem e no controle comportamental, assumindo o caráter de um compromisso moderno, inovador, dinâmico (PAIXÃO; DAMASCENO, 2016).

As crianças adquirem conceitos e valores que as ajudam a compreender seus atos com finalidade de construir uma subjetividade por meio da qual elas possam, mais tarde, tomar suas decisões morais com responsabilidade, enfrentando diversas situações e qualificando tais decisões para si mesmas como boas ou ruins, certas ou erradas.

As mudanças estruturais que acompanham os estágios cognitivos podem proporcionar não só uma nova estrutura lógica, como também estruturas de justiça, dignidade, respeito mútuo e assim sucessivamente.

Analisando as possibilidades do jogo no ensino da Língua Portuguesa, faz-se possível perceber vários momentos em que as crianças, de uma maneira geral, exercem atividades com jogos em seu dia a dia, fora das salas de aula. Muitos desses jogos culturais e, ao mesmo tempo, espontâneos apresentam-se impregnados de noções desta área do conhecimento escolar, os são simplesmente vivenciadas pela criança durante sua ação do jogo.

.De acordo com Friedmann (1996, p. 45):

[...] a inserção do lúdico na aprendizagem é um desafio no processo educacional, pois a falta de educadores preparados para usá-lo em seus programas cria a resistência para inseri-lo na prática da sala de aula como elemento indispensável.

Este processo didático traz consigo um potencial que pode ajudar na aprendizagem do alunado surdo para o aprendizado da Língua Portuguesa. Porém, depara-se estritamente com uma demanda de precarização e escassez educacional que marcam o ensino tradicional, que ainda perdura um ensino decodificador, do que propriamente que por meio do aprendizado possa despertar seu potencial crítico e criativo.

### **3 METODOLOGIA**

Optou-se pela pesquisa qualitativa enquanto, a qual esteve pautada numa abordagem que analisou a produção teórica de inúmeros autores. Este padrão metodológico enveredou-se na atitude de compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas a partir de uma temática que discutisse uma didática de ensino de LP direcionada para alunos surdos, tal qual fizesse uso de jogos como ferramenta de ensino.

Através das palavras-chave “jogo”, “Língua Portuguesa” e “surdo” fez-se uma pesquisa bibliográfica no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) estruturou-se uma pesquisa capaz de coletar, selecionar e interpretar informações delineadas sobre o tema deste artigo. Com isso, usaram-se informações para dar início a descoberta de problemas e as possibilidades de desenvolver argumentações científicas capazes de responder a problemática posta.

A fase exploratória ocorreu através de pesquisas bibliográficas, uma vez que ela serviu como base para a fundamentação de um contexto bastante significativo, tal qual contemplou o lúdico e sua potencialidade para ajudar os surdos a aprender a L2. Enveredar por esse aporte de pesquisa consistiu em realizar um estudo para se conseguir familiarizar uma relação de pesquisa entre sujeito e objeto, fazendo amadurecer cada vez mais sua compreensão. Ressalta-se, ainda, que ela é concentrada de modo que o sujeito que pesquisa possa ter uma maior aproximação com o universo do objeto de estudo, para assim se obter maiores informações, capazes de nortear a elaboração dos desdobramentos desse trabalho (GASQUE, 2007).

Abarcou-se a leitura de livros nas bibliotecas científicas, revistas especializadas, dossiê e artigos, algo que impôs a essa técnica a consulta de fontes de diferentes de informações escritas.

A concretização da pesquisa bibliográfica utilizou enquanto recursos metodológicos a leitura, fichamento e sistematização da bibliografia utilizada, com intuito de verificar e conseguir teoria suficiente pra fundamentar a pesquisa sobre o tema proposto, tal qual se deu mediante a prioridade ao material bibliográfico contemporâneo, uma vez que trará uma compreensão mais atualizada sobre a temática.

Os autores que foram retomados na próxima seção do presente artigo foram escolhidos porque suas respectivas pesquisas atendem ao objetivo geral deste trabalho acadêmico, o qual, vale lembrar, consistiu em compreender o uso de jogos como ferramenta de ensino de Língua Portuguesa para surdos.

Deste modo compete elencar os seguintes autores: Pereira (2014); Paixão, Damasceno, Silva (2016); Fernandes e Reis (2017); Nogueira (2018); Barbosa (2108); Muttão e Lodi (2018).

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 4.1 OS JOGOS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

De acordo com Pereira (2014, p. 12) “o uso dos jogos pedagógicos no processo de ensino e aprendizagem precisam ter como parâmetro a evolução de cada sujeito que dele faz parte” e não, precisamente, deve estar incluso numa perspectiva que preze a competição, tal qual preza por ganhadores e perdedores. Por sua vez, o jogo quando se apresenta enquanto um mero divertimento pode ficar desalinhado com o processo educacional, sobretudo a perspectiva curricular da área de língua portuguesa.

O jogo pedagógico precisa ser mais eficiente, pois ele tanto tem a dimensão de estimular a inteligência, mais precisamente o desenvolvimento cognitivo, quanto possibilita ao sujeito executar o que tem como meta. Quando se coloca em prática um jogo, o aluno começa a viver quem deseja ser, bem como estrutura o que quer organizar, decidindo as limitações e avaliando-as com o conjunto de participantes daquele momento.

Para Paixão, Damasceno, Silva (2016, p. 23), “ao brincar dentro de seu espaço, ele tem condições de se familiarizar com a fantasia, construindo nexos entre a dimensão inconsciente e a realidade”. Além do mais, o jogo toma o perfil de ser toda e qualquer prática que vai interpor obstáculos, proporcionando o estímulo pelo desafio sadio e alinhando com as demandas pedagógicas.

Ao se ter como parâmetro os jogos dentro dos processos de aprendizagem em Língua Portuguesa, faz-se relevante um rigor na escolha e análise deles para que seu uso seja explicitamente eficiente e esteja ajustado com os conteúdos e finalidades da aprendizagem interpostas para cada série que compõe a Educação Básica.

O jogo é uma atividade que prepara e desenvolve certa utilidade com a dimensão pedagógica, pois contempla a área física e mental do alunado no curto, médio e longo prazo. Além do mais, o sujeito que joga, constrói e expande suas habilidades, percepções, capacidade cognitiva, além de alargar seus nexos sociais e culturais.

Além do mais, Paixão, Damasceno, Silva (2016, p. 25) asseveram ainda que os jogos “desenvolvem a criatividade, bom humor, imaginação, e capacidade de adaptação a diferentes ambientes. Tais habilidades são muito importantes e caracterizam o homem competente para bem viver em sociedade”

A ludicidade, interposta nos jogos educacionais, retoma o sentido pelo aprender, estimulando o alunado, uma vez que traz momentos de afetividade entre o sujeito que aprende e o sujeito que ensina, construindo uma aprendizagem formal de forma que desperte o estímulo dos discentes, sobretudo do alunado surdo pela língua portuguesa enquanto L2.

Deste modo, concorda-se com Fernandes e Reis (2017, p. 19):

[...] o ato de brincar e jogar torna o indivíduo capaz de pensar, imaginar, interpretar e criar, aspectos estes, que propiciam autonomia, iniciativa, concentração e análise crítica para impulsionar hipóteses sobre circunstâncias, como, também, tem a capacidade de promover o ensinamento que leva ao respeito por normas e experiências para lidar com conflitos.

Como já discutido no decorrer deste artigo, entende-se que a utilização do lúdico como método de ensino-aprendizagem para o discentes surdos pode vir a levar a êxitos benéficos, haja vista que requisitará um atrelamento com uma metodologia devidamente adequada. Para se obter este êxito, torna-se possível tratar como necessário o uso de meios acessíveis que contemplem o material que se requer para a concretização das atividades pedagógicas.

Por sua vez, o estudante surdo quando inserido na unidade de ensino regular é exposto ao ensino da Língua Portuguesa, sua segunda língua. Todavia, as metodologias utilizadas para o ensino dessa língua não são apropriadas para este sujeito. Ainda dando continuidade a esta linha de raciocínio, pode-se elencar que a lei nº 10.436/2002 enfatiza que “a Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”(FERNANDES; REIS, 2017, p. 21), o que vai demandar certa construção de didáticas e metodologias de ensino que ajudem este público a aprendê-la.

Conforme Barbosa (2018, p. 28) “o ensino da Língua Portuguesa para o estudante com surdez se limita apenas a parte escrita”. Frente a isto, sugere-se que o docente responsável por ministrar LP faça uso, no ensino para surdos, de aportes metodológicos que sejam adequados a segunda língua, tendo em consideração o canal vetor de comunicação das duas línguas, haja vista que a Língua Portuguesa é oral-auditiva e a Libras, visual-espacial, tais quais demanda certo alinhamento.

Deste modo, pode-se entender que o surdo absorve aprendizados através da visão, visto que a Libras é uma língua visual, o que permite destacar também que o estudante surdo, por não ter o sentido da audição, tem sua visão expandida, ou seja, ele consegue observar tudo que é notável aos seus olhos.

Neste sentido:

A ludicidade nas aulas de português para alunos surdos é de grande importância, pois é sabido que a LP para estes alunos se configura como segunda língua, ou seja, para eles o português é uma língua estrangeira. Como já mencionado anteriormente, os surdos, por não possuírem o sentido da audição, devem aprender basicamente a escrita da LP. É papel do professor de tal disciplina buscar metodologias para essas aulas, objetivando o êxito no ensino ministrado aos surdos. Nas aulas de Língua Portuguesa é necessário que o aluno compreenda o texto, e cabe ao professor procurar melhores métodos que façam o surdo entendê-lo (MUTTÃO; LODI, 2018, p. 23).

Estimular nos discentes surdos o interesse pelo assunto da leitura através de um debate prévio do assunto, ou de um incentivo visual sobre o mesmo, ou mediante uma brincadeira que oriente o tema pode auxiliar no entendimento do texto. Para as aulas de Língua Portuguesa é importante que o docente faça uso de ilustrações, uma vez que é inviável para o estudante surdo “gravar o som de cada sílaba, portanto, o ensino deve ocorrer com base no uso da palavra escrita e da imagem referente àquela palavra” (BARBOSA, 2018, p. 30).

Neste sentido, a utilização de jogos em toda e qualquer aula se apresenta enquanto uma metodologia que produza interesse do discente no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos, visto que é um ponto não habitual na sua cotidianidade escolar.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do presente trabalho, pôde-se obter devidamente os seus respectivos objetivos, construindo um material analítico de cunho científico capaz de subsidiar futuras compreensões e práticas de professores que trabalham com público surdo na área da Língua Portuguesa. Deste modo, compreendeu-se o uso de jogos como ferramenta de ensino de Língua Portuguesa para surdos.

Os objetivos específicos foram devidamente atendidos e tiveram a função de ajudar no desdobramento do objetivo geral. Sendo assim, pôde-se conhecer o ensino de língua portuguesa para surdos; avaliar o ensino de LP e o uso de jogos como recurso educacional; analisar os jogos e o processo de aprendizagem da língua portuguesa para surdos. Os mesmos compuseram um processo científico e textual contido neste artigo capaz de aprofundar o assunto posto.

Por outro lado, a presente pesquisa possibilitou potencializar a relevância e necessidade do utilização de jogos e brincadeiras no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, haja vista que representam um formidável recurso para o docente incentivar e

aprofundar as finalidades educacionais dos discentes, e ainda, a viabilidade de diversificar suas aulas, retirando o tédio e a rotina que são responsáveis diretamente pelo desinteresse dos estudantes.

Outro elemento relevante que deve ser destacado nesta parte final da pesquisa diz respeito à relevância dos jogos, tendo por pretensão o desenvolvimento social e afetivo do alunado surdo, sobretudo na parte de Língua Portuguesa.

O ato de brincar é sempre elementar para as crianças, sendo uma atividade inseparável ao ser humano, estando presente e com potencial para se ter um processo que vai demandar habilidade cognitiva para empreender a aprendizagem deste público.

Sugere-se que se tenha uma maior aproximação das unidades de ensino, dos professores com a realidade dos estudantes surdos, trazendo atividades lúdicas para o âmbito da sala de aula, empreendendo toda a bagagem social e cultural de cada sujeito.

Conclui-se que estabelecer a relação entre ludicidade, Língua Portuguesa e estudantes surdos são de grande importância para o desenvolvimento do alunado surdo, fazendo avançar na área de curricular citada acima.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Eva dos Reis Araújo. Materiais didáticos impressos e digitais de ensino de português como segunda língua para alunos surdos. **Revista de Ciências Humanas**, n. 1, 2018.

DORZIAT, Ana; FIGUEIREDO, Maria Júlia Freire. Problematizando o ensino de língua portuguesa na educação de surdos. **Revista Espaço, Rio de Janeiro**, n. 18-19, p. 32-41, 2002.

FERNANDES, Jomara M.; REIS, Ivoni Freitas. Estratégia didática inclusiva a alunos surdos para o ensino dos conceitos de balanceamento de equações químicas e de estequiometria para o Ensino Médio. **Química Nova na Escola**, v. 39, n. 2, p. 186-194, 2017.

LODI, Ana Cláudia Balieiro. Ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos: impacto na Educação Básica. **Coleção UAB– UFSCar**, p. 81, 2013.

MÁXIMO, Nídia Nunes. **Linguística Aplicada e o material didático para o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos**. 2020.

MUTTÃO, Melaine Duarte Ribeiro; LODI, Ana Claudia Balieiro. Formação de professores e educação de surdos: revisão sistemática de teses e dissertações. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. SPE, p. 49-56, 2018.

NOGUEIRA, Aryane Santos. Interface do português com a língua de sinais em publicações de um professor surdo em rede social. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 18, n. 3, p. 673-694, 2018.

PAIXÃO, Adriele de Brito; DAMASCENO, Taís Araujo Silva; SILVA, Josielson Costa da. Importância das atividades lúdicas na terapia oncológica infantil. **CuidArte, Enferm**, p. 209-216, 2016.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em revista**, n. SPE-2, p. 143-157, 2014.

SILVA, Carine Mendes da et al. Inclusão escolar: concepções dos profissionais da escola sobre o surdo e a surdez. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p. 465-479, 2018.